VOZ DO CÉU NA CIDADE

Jean Carlo

Copyright©2019

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98. É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem os devidos consentimentos do escritor:

Jean Carlo

Coordenação editorial
Cleovanio Lima

Capa
Jean Carlo

Diagramação
Thamyris Freitas

Revisão
Thamyris Freitas

Impressão e Acabamento
RENOVAGRAF

7ª edição: Janeiro 2020

Todos os conceitos concebidos nesta obra não, necessariamente, representam a opinião de todos os cristãos no mundo. Todo o cuidado e esmero foram empregados nesta obra; no entanto, podem ocorrer falhas por alterações de software e/ou por dados contidos no original. Disponibilizamos nosso endereço eletrônico para mais informações, envio de sugestões e convites para pregações e palestras: e-mail: prjeancarlo@igrejalocal.com Telefone: (21) 97526-9761.

VOZ DO CÉU NA CIDADE

Jean Carlo

7ª edição – 2020

Prefácio

Raramente aceito convites para prefaciar livros, mas este caso aqui é diferente. Conheci o Jean Carlo da forma mais comum do mundo, com ele me convidando para falar na igreja onde atuava. Até aí, nada de incomum. Contudo, além da simpatia e energia que ele tinha, comecei a acompanhar o quanto ele faz pelas pessoas: pelo social, pelo Evangelho, por mudar o mundo.

Comecei a acompanhar suas iniciativas: coisas interessantes, ligando as boas novas de Jesus a um contexto social, sem cair para nenhum dos dois lados tao comuns nas igrejas e nos pastores: uns se omitem, outros viram ativistas sociais mais preocupados com ideologias seculares do que com a mensagem de Jesus Cristo.

O Jean Carlo é diferente: fala o tempo todo do Jesus de Nazaré e procura levar sua mensagem de forma contextualizada, atual, vibrante, comprometida. Me permitam repetir o termo: comprometida. Comprometida com Jesus e com a justiça social, a bondade, a presença lado a lado e com a mudança de pessoas e estruturas.

Enfim, me tornei admirador do homem e de seu ministério.

Daí, é com alegria e naturalidade que aceitei, honrado, o convite para este prefácio.

O livro Voz do Céu na Cidade é um apontamento pra essa Geração pós revolução digital inserida nesse contexto de urbanidade global que tomou conta de todos os territórios de nosso país. [E um impacto positivo em uma sociedade de igrejas omissas ou desviadas de Jesus, é um alento em uma sociedade dividida, maniqueista, cheia de ódios e carentes de Jesus e o amor que Jesus proclama e do qual é o maior exemplo de sacrificio e, repetindo a palavra, comprometimento.

Nossas cidades estão tomadas pelos mais diversos problemas e angústias sociais, políticas e econômicas. As pessoas estao cansadas, tensas, desanimadas ou, no caso de algumas enganjadas, perdidas em ódios e lutas que nao ajudam a resolver o problema, ao contrário: apenas o pioram. É nessa realidade difícil e conturbada que a mensagem de Jesus é ainda mais necessária e, sem dúvida alguma, capaz de trazer soluções e respostas tanto individuais quanto coletivas.

Há um chamamento ao cristão para ser a resposta do Céu nas Cidades.

A Sociedade Anadia ouvir da Voz de todo jovem e adolescente que ama a Jesus ecoando palavras de Amor e esperança.
O texto trata a dinâmica da família urbana e suas demandas na formação bíblica de seus jovens. Os pais devem ser a plataforma para a primeira experiência dos filhos com os valores do Reino de Deus. Essa responsabilidade não deve ser protagonizada a nenhuma outra instituição: ninguém poderá fazer tão bem este indispensável trabalho.

O livro também aponta a Igreja como local de ajuntamento das Juventudes para que essas vozes sejam ouvidas em todos os cantos da Cidade.

É tempo de avançar sobre o sofrimento, os abismos das drogas, os preconceitos que excluem as pessoas e principalmente a aproximação e sinalização do Reino eterno de Amor de Deus.

Jean Carlo é pastor de Juventudes na Cidade do Rio e lidera a Agência Juventude & Sociedade desenvolvendo trabalho com jovens e adolescentes em comunidades carentes como Borel e Jardim Gramacho, além de comunicar com as redes sociais as várias demandas dessa geração.

Este livro faz parte de um projeto maior e você, leitor, tem agora a oportunidade de mergulhar tanto na obra quanto nas soluções que a sociedade brasileira tanto precisa. Faça sua parte. Leia, reflita e principalmente participe! Estamos precisando de mais pesssoas comprometidas e bem informadas. Esse livro é um ótimo começo.

Você é bem-vindo!
Dr. William Douglas

Sumário

Agradecimentos.....13

Dados do autor 15

Voz do céu na cidade.....17

Estrutura funcional.....28

A juventude é uma fase de transição.....30

Estrutura funcional do ensino.....38

Formação continuada de lideres.....46

Figura do tripé que orienta o trabalho.....48

Transição.....50

Formação complementar.....53

Como operarmos as subdivisões?.....55

Papel dos pais no ministério para juventude.....56

Seja voz do céu na família.....60

Mobilizações e eventos.....65

Espiritualidade, serviço ou produto?.....68

A voz do céu na sua comunidade.....76

Bibliografia 80

Agradecimentos

A meus Pais (in memoriam) José Nilton Ferreira, e Natalícia de Oliveira Ferreira, por despertar em mim o amor aos livros e pelos óculos com os quais interpreto a Vida.

A minha família, Vivian Rodrigues, Leh, Bia e Jeanzinho. Amores. Sem vocês não consigo ir um passo a mais.

Aos Amigos, que comigo compartilham o Ministério e me dão suporte para avançar.

A Igreja de Jesus, que me forja diariamente para o serviço: Igreja Batista Local.

As Juventudes de todo o Brasil que continuam enxergando valores no trabalho pastoral que desenvolvo.

Aos irmãos e amigos que pastoreio, filhos amados que me inspiram todos os dias.

Aos que me deram a mão todas as vezes que precisei.

Ao meu Pastor e Amigo: João Melo e sua família que sempre me apóia.

A Jesus, o Senhor da Igreja, a Graça renovada a cada dia.

A Deus, toda honra e toda Glória.

Dados do Autor:
Jean Carlo
Pastor há 19 anos
Escritor e Conferencista

- ✓ Email: prjeancarlo@igrejalocal.com
- ✓ Telefone: (21) 97526-9761

Dados do autor:

Jean Carlo é marido de Vivian Rodrigues e pai de Letícia, Ana Beatriz e Jean Carlo Júnior.

Estudou Teologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil no Rio de Janeiro, e Serviço Social na Universidade Plínio Leite.

É Pastor Batista há 19 anos e atua desde então em Igrejas Locais e em organizações denominacionais nas mais variadas funções.

Líder e CEO da Agência Juventude e Sociedade, tem falado em encontros, congressos e conferências por todo o Brasil nos últimos anos. Formando e treinando líderes de Juventude para Igreja Local.

Escritor e Conferencista
e-mail: prjeancarlo@igrejalocal.com
Telefone: (21) 97526-9761



VOZ DO CÉU NA CIDADE

É indescritível a sensação que você tem quando olha pra um jovem – que estava mergulhado num poço de destruição, tomado por vícios de todos os tipos, sem alma como um zumbi, vivendo seus dias como escravo das maldições urbanas, e dessas pragas das cidades: pornografia, drogas com alto poder de destruição do corpo, da mente e da alma, em conflito direto com os pais, sem nenhuma habilitação para desenvolver relacionamentos saudáveis com quem quer que seja – e vê que, como um mistério que não pode ser revelado, o Amor de Deus o envolve e aos poucos ou radicalmente o liberta, resgata, cura e limpa de toda a ação do mal sobre a sua vida. Não há estatística que possa explicar esse movimento do céu que é fruto de palavras do Evangelho da Esperança compartilhado com as pessoas.

É mais forte que as teses científicas ou que as observações médico-hospitalares e, principalmente, sociais. A Igreja todos os dias é um instrumento do Espírito para mudar e transformar a vida das pessoas pela Cidade. Todos os dias vemos as igrejas por aí, com ou sem vínculos institucionais, com bandeiras das mais diversas, representantes de grupos eclesiásticos mais distintos e doutrinariamente particulares. De verdade, nada disso é maior ou deve servir de barreiras ou impedimentos para o movimento que Deus quer trazer sobre a cidade.

Libertação, restauração e avivamento das Juventudes dessa geração que está por aí circulando sobre as pequenas e grandes cidades. Jovens em noitadas, baladas, barzinhos, pontos de drogadição. Dentro de seus quartos, à frente dos computadores,

em relacionamentos doentios, excluídos dos acessos à informação, ou mesmo e, principalmente, vazios do Espírito – mesmo que sejam frequentadores assíduos dos templos. Há uma urgência de uma *voz do céu* que ecoe nas cidades e quebre os muros que separam as pessoas de serem sinalizadoras do Reino de Deus. A *voz do céu*está em cada um de nós que diariamente atravessa as cidades em busca dos nossos desejos ou necessidades.

Lembro-me que uma das experiências mais marcantes do meu ministério aconteceu muito cedo. Logo que comecei a pastorear uma pequena igreja em um dos municípios do Rio de Janeiro, conheci um rapaz muito simpático, falante e bem-educado. Extrovertido e disposto a ajudar as pessoas, e por isso muito famoso no bairro em que a Igreja estava instalada. Todos sabiam seu nome e lhe cumprimentavam alegremente, como que celebrando a sua chegada quando passava pela rua. Usuário de drogas e de orientação homossexual, ele acumulava um afeto extraordinário das pessoas daquela localidade. Era mesmo de impressionar. Estava além dos padrões normais de convivência, o que o tornava uma referência, um líder naquela comunidade com muitos jovens e adolescentes. Muitos o seguiam, e quando não o faziam, gostavam de estar por perto nos encontros e festas badaladas que ele promovia. Madrugadas com música alta, muitos jovens, sexo livre e drogas cortando todo o tipo de censura.

Ao conhecermos Miguel (*nome fictício*), todos em nossa família ficamos muito amigos dele e decidimos caminhar junto com ele nas orações, na partilha da palavra, com aconselhamento, amor e graça do céu para a vida de Miguel. Decidimos ser a *voz do céu* na vida dele. Sempre que podíamos

levávamos mídias de música cristã para sua casa. Oferecemos a ele uma bíblia de presente em um de seus aniversários e livros de autores que gostávamos de ler. Éramos verdadeiros e bons amigos. Toda vez que Miguel nos perguntava sobre os seus pecados, éramos objetivos em dizer que Deus não gostava dos pecados que ele cometia e que ele precisava se arrepender diante de Jesus, mas também dizíamos que Deus não gostava dos que nós cometíamos, e por isso precisávamos igualmente pedir perdão ao Senhor todos os dias. Não eram tensas nem difíceis as nossas conversas, eram regadas e moldadas pela graça de Jesus que nos aponta quem somos e nos oferece uma resposta e uma solução na vida. Um tempo de ministração real e verdadeira. Confronto com os delitos e pecados e chamada a decisão para uma vida com novidades e restauração.

Não terminávamos um encontro sem orar junto com Miguel e fazer o convite para que ele estivesse em nossa congregação para uma celebração dominical. Ansiamos muitas vezes por isso. Até que um dia, numa segunda feira pela manhã, bem cedo, ele tocou a campainha em nosso portão para nos dizer que tinha atendido o convite e ido à celebração da noite em nossa igreja. Na noite em que nosso amigo atendeu o convite, um desses desencontros que marcam a história da gente aconteceu. Eu viajei para pregar a convite em outra igreja, e todos em nossa casa me acompanharam.

Após o relato, por breves instantes nossos corações pulsaram de alegria. Foi então que Miguel nos disse com a voz dolorida e pesada: "*Nunca mais quero ser convidado para ir à igreja de vocês. Se quiserem continuar a amizade, nunca mais me convidem. Eu aceito as orações, aceito as mídias com músicas, aceito a bíblia e até os livros, mas não me convidem mais. Nunca*

fui tão humilhado em um lugar. Todos que estavam a minha volta se afastaram. As pessoas sorriam umas às outras, mas tudo que recebi foram olhares de julgamento e coerção. Nem um dos abraços oferecidos naquele encontro foi destinado a mim. Eu nunca me senti tão mal."

Para quantas pessoas Miguel não disse aquela mesma história, ou lembrou-se daquelas imagens, até ter sido assassinado por um grupo de extermínio de homossexuais três meses depois?

Onde estava o jovem que deveria ser *voz do céuna cidade* para abençoar naquela noite memorável a vida daquele jovem visitante?

Por muito tempo vi, e às vezes ainda ouço nos congressos e conferências dos quais participo, pessoas se referirem a igreja com questionamentos como: a igreja não está preparada, a igreja não aceita, a igreja tem um discurso inadequado. Isso não faz mais sentido; na verdade nunca fez. A igreja somos todos nós que compomos a congregação. E basta uma voz. Não uma voz que queira mudar o grupo, ou uma voz combativa aos idosos e seus hábitos, nem mesmo uma voz que interpele a hermenêutica dos pregadores da outra geração. Basta uma *voz do céu* que queira abençoar as pessoas na cidade com palavras de amor e esperança, com desejo de compartilhar vida sobre a morte, de trazer libertação ao cativo e oprimido. Uma *voz do céu* na igreja e na cidade.

Eu poderia compartilhar tantas histórias aqui, algumas com finais muito bacanas, outras com certo pesar por um desfecho triste e religioso demais. No entanto, não é esse o objetivo aqui. Na verdade, quero trazer algumas experiências que possam

motivar você a fazer diferença nesse tempo, a trazer vida sobre a experiência dos jovens da sua igreja, comunidade e cidade. Meu desejo mais sincero é que esse texto traga inspiração sobre você. Fica aqui nesta frase o principal ensinamento nesses escritos: Seja *voz do céu* na cidade.

Depois de mais de 15 anos de Ministério Pastoral, tendo investido quase a totalidade demeu tempono trabalhocom adolescentes, jovens e jovens casados em algumas Igrejas Batistas – inclusive atualmente na Primeira Igreja Batista do Grajaú/RJ, onde atualmente sou pastor para as juventudes – ,além de servir em algumas instituições para jovens como cooperador – Juventude Batista Niteroiense, Juventude Batista do Estado do Rio de Janeiro, Juventude Batista Carioca, Juventude Batista Brasileira e Juventude & Sociedade –, entendi em parte os muitos desafios e dificuldades sobre fazer proposições a partir dos princípios bíblicos e movimentos da história para essa faixa etária.

É realmente muito difícil encontrar as respostas tão desejadas pelos líderes de jovens e igrejas. Incrível como transicionamos de mobilizadores e protagonistas nos movimentos de Juventude tão rapidamente, perdendo a força da liderança dos nossos jovens para a evasão que acomete a maioria das juventudes das nossas igrejas. Duas décadas atrás as juventudes sempre eram indiscutivelmente o ponto forte das igrejas locais: ativas, vibrantes, consolidadas e propondo transformações no jeito, na maneira da igreja se mover diante daquela sociedade.

E aqui talvez seja um ponto de partida interessante para avaliarmos os movimentos de juventude tão desconectados da igreja local como hoje enxergamos, com obviamente algumas

exceções. Aquela juventude de duas décadas atrás já não dialoga com essa sociedade. E as Igrejas me parece perderam a capacidade de comunicar com as Juventudes desse tempo. Não se responde mais, as demandas postas pela Juventude atual, que repito: está em um movimento visível de evasão dos nossos templos.

Épreciso urgentemente achar à luz do Evangelho as respostas que calam os anseios e angústias dessa geração e trazem novo sentido para a comunhão com a igreja local. Ou não?

Nossas respostas devem ser relevantes a ponto de ultrapassarmos urgentemente os limites sonoros dos eventos e programações, e aí, fazerem algum sentido para vida. É preciso que gerem transformações em nós (líderes), para o grupo liderado e para a comunidade onde a Igreja está inserida. Penso eu que seja de fato o nosso grande anseio enquanto pastores, líderes e ministros de juventude deste tempo, com essa geração de cristãos off-line.

Partindo então para essa busca, encontrei algumas respostas que têm sido efetivas e abençoadoras em minha liderança e pastoreio. Princípios, conceitos, método, prática, estrutura e parcerias para o desenvolvimento de um ministério sadio e coerente. Não é fácil nem simples, mas cada um pode encontrar certamente o seu caminho na construção de uma metodologia para o desenvolvimento do ministério com e para juventudes. É um trabalho lindo e abençoador quando se faz com paixão e desejo. Exige muito, exige a vida como qualquer prática ministerial. O ministério para juventude tem um preço muito alto.

Obtive muita alegria no exercício de meu ministério e vejo na prática resultados interessantes, tanto no crescimento numérico das participações dos adolescentes e jovens nas atividades, como principalmente no crescimento relacional entre a juventude, da juventude para com a igreja e da igreja para com a juventude. Como qualquer faixa etária, o ministério para juventude deve ser interpretado e executado como ferramenta para o crescimento da igreja local. Isso é o que dá sentido. Se exercido para qualquer outra finalidade, os resultados serão certamente os piores possíveis.

São realmente muitas as expectativas sobre o ministério com juventudes. Encontrar "sucesso" nesse trabalho requer do pastor, ministro ou líder, estar consciente dessas expectativas e saber administrá-las pessoalmente e para com todos envolvidos no projeto. Tem um "glamour" natural no ministério para juventude. Isso jamais deve tomar lugar no seu coração. Fique longe, muito longe do discurso triunfalista!

O meu olhar para a realidade atual das juventudes em nossas igrejas é fruto de muitas lágrimas, erros cometidos, fracassos e persistência. Quantos jovens que passaram em nossas igrejas hoje estão perdidos nas drogas, nas prisões, nos desvios de caráter, no religiosismo, no ceticismo, na indiferença e corrupção? Cada um que não conseguimos discipular e que de alguma maneira perdemos nos fazem lembrar o quanto precisamos aprender na liderança desse ministério. Meu trabalho hoje é o resultado de aprendizado mesmo, no melhor sentido da palavra. Não existe outra maneira de construir ministério com juventude senão vivendo todas as etapas.

A maneira como hoje desenvolvo minha pastoral para juventude está fundamentada na ***vivência*** com adolescentes e

jovens ao longo dos últimos 20 anos, nas ***leituras*** e aprofundamentos acadêmicos e conceituais sobre as pessoas identificadas como jovens. Essa classificação tem sido bastante alterada nos últimos anos e éimportante estar atentoà transição filosófica, ideológica e etária do jovem nos últimos anos.

Acredito no ministério para juventude no sentido deque ele deve ser composto de uma equipe que tenha a ciência dos desejos, paixões, interesses, gostos, hábitos, crises, sofrimentos e atrações da juventude; que integre e admita no seu corpo de liderança jovens de todas as faixas etárias, e mais, que essa equipe também comporte os que já passaram por todas essas experiências da juventude, para com leveza, tranquilidade e graça, conduzirem o grupo liderado a um lugar de superação de suas paixões e aproximação plena com Deus e Sua vontade. É preciso que proponham com intencionalidade uma espiritualidade que seja relevante para avida. E esse, reafirmo, é em minha percepção no desenvolvimento da pastoral exatamente o grande desafio depastorear/liderar com equilíbrio um ministério para juventude.

Entenda que compartilho aqui neste livro um pouco, somente um pouco, da minha experiência, com a intenção de fazer apontamentos que abençoem sua caminhada sem jamais ter nenhuma pretensão de afirmar essa como a maneira correta de fazer o ministério. São muitas, ouso dizer. Existe na instrumentalidade do Espírito Santo uma forma paracada pastor, ministro e líder.

A minha proposta ministerial, a maneira como desenvolvo meu trabalho, é tentar fazer com queadolescentes, jovens e jovens casados na igreja local, através de formação, treinamento, capacitação, despertamento e estímulo dos líderes

e liderados, tenham apoio para despertaremvocações e convicçõescristãs em um ambiente orgânico e bíblico.

É também perceber, no âmbito da igreja local, potencialidades, ações e caminhos que conectem o jovem cristão ao jovem da comunidade em que a igreja está inserida, transmitindo, influenciando e compartilhando o amor de Cristo através das artes, dos projetos missionais/sociais, dos eventos e, sobretudo, da prática relacional.

Ainda, queremos oferecer subsídios para uma leitura sócio histórica do movimento de juventude nas igrejas e na sociedade, bem como compreender os motivos que pelos quais os jovens desconectaram de seu papel protagonista no Reino (I João 2. 14b):

"A própria idéia de liberdade – que, mais do que uma ambição, se tornou uma constante e indispensável exigência contemporânea – alimenta as inquietações pós-modernas, diferentemente das inquietações de outra, que nasciam do demasiado desejo de controle e ordem." (Rev. Brás. Educ. no.18 Rio de Janeiro Sept/Dec. 2001)

Passamos por uma grave crise de conexão dessa faixa etária com a igreja de maneira geral. E é essa, em primeira mão, a questão a ser considerada na atividade de reflexão e formação do líder para o jovem deste tempo. O que desconecta o jovem da missão? Onde e como reconectar esse jovem? Quais as inquietações do jovem para este tempo? Transformações na formação, hábitos e características dos pais. Meio Ambiente, sociabilidade, socialização e (re) socialização, sustentabilidade, redes sociais e práticas relacionais. Não existe possibilidade de

instalar um trabalho com juventudes sem considerar e aprofundar leitura sobre essas questões.

Como é possível ler a bíblia e compartilhar o evangelho abrindo mão dessas influências todas sobre nossa juventude? Será fundamental construir pontes entre o ministério com juventude e as demandas dessa geração, ou não é uma função da Igreja considerar a história no compartilhamento do Evangelho?

Este modelo de ministério para juventudepretende seu valor exclusivamente para a igreja (eklesia), propõe-se a atividades co-relacionadas com a igreja local. É para a igreja local uma ferramenta de trabalho e formação; tem seus valores fundamentais baseados na bíblia como regra de fé e prática; faz conexão com o movimento da história, da juventude e da sociedade, com a finalidade única de contribuir para o crescimento do Reino através da (re) integração do jovem com a dinâmica da igreja no exercício da missão.

O ministério, então, só tem existência se associado à comunidade cristã. Sendo assim, éna dependência de Deus, de Sua graça e misericórdia, que nos propomos desenvolver um ministério auxiliar para a igreja enquanto comunidade e com atenção específica para as juventudes e suas necessidades integrais.

A forma como expomos daqui em diante o texto pretende esclarecer como temos praticado esses princípios e conceitos no dia a dia. A prática sem o entendimento desses princípios e conceitos se esvazia. O entendimento teórico sem o referencial prático se perde. Eis aqui outro grande desafio, a sedução pelo

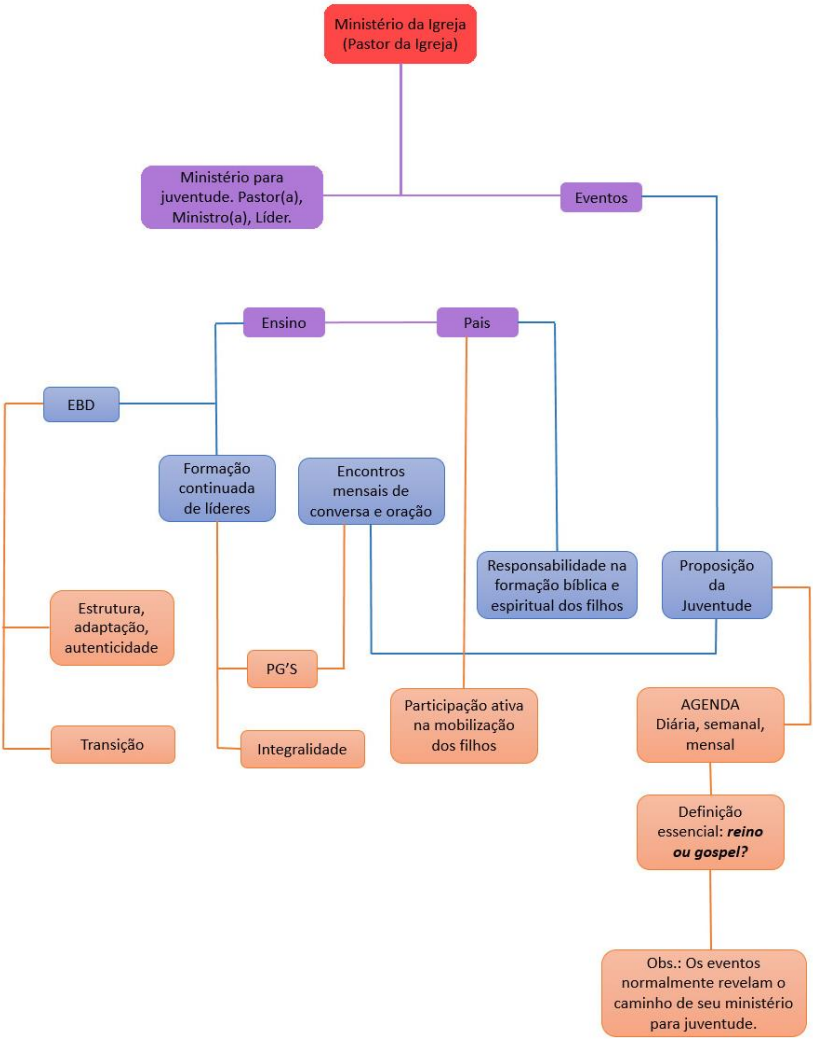
pragmatismo funcional desprovido de inspiração, reflexão e vida.

O ministério para juventude é em si um expert à rotina. O que mais acontece entre líderes de Jovens é adotar um modelo, e a partir disso reproduzir sem refletir. Isso é péssimo!

Fazer sem pensar é entrar em um abismo sem fim. Em contrapartida, tenho observado alguns que por reagirem a esse modelo, negam tudo, rejeitam tudo, e no fim das contas, fazem nada, em nome da "relevância". O resultado é que os jovens ficam sem referencial prático na igreja local e saem em busca de algo que lhes preencha essa necessidade. O que fazer, então?

Faço algumas proposições. Leia e interprete com liberdade a partir de suas convicções pessoais, bíblicas e ministeriais.

ESTRUTURA FUNCIONAL



Como funciona? É simples: Os desafios para o funcionamento e continuidade do ministério para juventudessão muitos e são complexos. Deve-se sempre buscar respostas simples e baseadas na experiência diária dos líderes, pais, adolescentes e jovens, o que facilitará a sustentação e operação do projeto, sendo, dessa maneira, o ministério para juventude vocacionado ao colegiado. Resistir à tentação da "*carreira solo*" no desenvolvimento dominístério é uma luta diária.

Considerar que o trabalho deve transpor os limites de tempo ou prazo determinadoe construí-lo na direção do pastoreio e acompanhamento pessoal dos adolescentes e jovens, visando a organização e estruturação dos vários grupos da juventude, poderá contribuir positivamente para os resultados. O trabalho deverá sempre ser pensado a longo prazo, considerando as atualizações necessárias e correlacionadas com as transformações de realidade, tão intensas nesses dias.

O mundo se transforma na velocidade dos dados da internet. Essa informação precisa fazer parte do planejamento estratégico e da instalação de um ministério para juventude. É um risco iminente fazer um planejamento inflexível, considerando a velocidade com que a vida se transforma, sobretudo, nos cenários das juventudes.

A história se encarrega de propor transformações na maneira de liderar juventude. Pense nos modelos de liderança como ponto de partida para a sua prática, e não como fim a ser reproduzido. As sociedades se transformam a partir das alterações nos hábitos das pessoas e com isso as instituições também se metamorfoseiam diante das mudanças. O desafio é descobrir o que mudou e o que é saudável, e daí para frente trazer respostas que sirvam às novas questões.

A JUVENTUDE É UMA FASE DE TRANSIÇÃO

As pessoas permanecem na Juventude de 10 a 15 anos de sua vida. Já parou para pensar nisso? Líderes de Juventude estão sempre trabalhando com um público rotativo, com liderança que se renova constantemente. Não considerar isso gera muita frustração no ministério para juventude, pois, como em qualquer trabalho pastoral ou ministerial, a rotatividade intensa não percebida ou planejada é prejudicial e nociva para o bom desempenho de um trabalho saudável, orgânico.

A proposta de trabalho para juventude deve contemplar todas essas particularidades. Seguir uma proposta bem pensada e aperfeiçoá-la permite ao grupo a apreensão e aprendizagem sobre seu funcionamento, mesmo com todos esses por menores, além de facilitar a inserção e participação das pessoas envolvidas com a liderança do ministério e a avaliação das necessidades para o fortalecimento do trabalho.

Não existe sustentabilidade, desenvolvimento e crescimento sem continuidade. Seja firme em buscar vocacionados para este ministério, gente que queira pensar e viver o ministério para juventude no dia a dia, não simplesmente para ocupação de uma função, ou para responder uma demanda ou exigência da igreja.

Toda igreja anseia por um trabalho com a juventude ativo, forte e bem estabelecido. O que pode gerar pressões involuntárias e sem intenção. O líder deve estar preparado para

esse tipo de mediação e fazer convergência dessas expectativas para o crescimento do grupo.

Liderar juventude é para vocacionados decididos a contribuírem com a vida para o pastoreio de jovens e adolescentes. Preze e considere a continuidade como fator fundamental na implantação dos projetos em ministério para juventudes.

E obviamente esse tom aqui proposto sobre chamado não significa integralidade como fator determinante, nem necessariamente detodo líder estar no seminário teológico se preparando para o ministério pastoral. São fundamentais paixão e entrega, pensar o ministério junto com a vida e ter disponibilidade para o cuidado com as juventudes da igreja local. Ministério para juventudes exige um preço muito alto por parte de quem quer liderar.

Uma dica importante: Se a Igreja puder sustentar um líder integral para as juventudes da igreja, não deve hesitar em fazê-lo. É um investimento que muda radicalmente o diálogo entre igreja e juventude. No entanto, o líder deverá ter convicção sobre o seu chamado, desejo e amor pelo ministério para juventude.

Observe o tripé que orienta e norteia todo o projeto. Ele indica três figuras estruturais: *Ensino, pais e eventos*.

Todas as ações e movimentos ministeriais, nessa proposta que desenvolvo, deverão partir e convergir nesse tripé, que leva consigo a ideia central de compartilhamento de responsabilidades para o bom funcionamento do trabalho. Desconstruímos logo aqui no início aquela cultura de

terceirização, que é a responsabilização posta sobre um líder, ministro, pastor ou voluntário, como se ele pudesse levar sobre si e seu trabalho todas as expectativas da igreja para o sucesso do ministério para juventudes.

E mais, ainda há aterceirização de valores e convicções dos jovens com relação a sua própria fé. Não é raro ver no contexto de igreja local muitos pais, líderes e jovens questionando ao pastor ou líder da juventude porque seus filhos, ovelhas e amigos não querem mais compromisso com a leitura bíblica e com as orações, ou mesmo com o envolvimento das atividades da igreja, como se fosse o pastor para juventude o responsável por essa demanda de vida devocional de cada ser-humaninho da juventude.

Se a figura recém-criada de pastor de jovens trouxe luz sobre a dificuldade daigreja em se comunicar com essa faixa etária, também veio para responder essa demanda, para mediar o diálogo entre a igreja e essa geração que carrega consigo a necessidade de formação cristã, consignada a uma certa autonomia na vida.

De alguma maneira, essa mesma figura do pastor de jovens foi equivocadamente associada a um prestador de serviço ou promoter da igreja, que faz sozinho todos os eventos e atividades, desresponsabilizando o jovem que sempre foi protagonista na maneira de movimentar a igreja, levando-a a vanguarda.

"Se a Igreja fosse um carro, a juventude seria as rodas" (WARREN, Rick)

Aceitar esse tipo de ministério de "terceirização" é completamente nocivo àvida da igreja. O pastor para juventudes deverá ser um inspirador de gente que quer se comprometer com o Reino através da igreja local, e não um operador de programas e eventos.

Além disso, pode-se buscar também nessa figura do pastor para juventudes, de forma saudável, respostas pontuais da igreja na ativação da comunicação com as juventudes, e mais, apontamentos efetivos sobre carências observadas no relacionamento pais e filhos, pais e igreja, igreja e jovens, jovens, igreja e pais. Há claramente uma deficiência crítica de comunicação entre esses – é crítica, mas, não é crônica. Esse é de fato um problema para essa turma e trataremos sobre esse tema mais a frente.

O funcionamento do ministério precisa ser eficiente. E aí, precisaremos aqui observaro equívoco de atribuir ou reduzir eficiência ao simples ajuntamento de pequenas ou grandes multidões, ou às reuniões com muitos jovens, ou aos pomposos relatórios. Não é isso.

O projeto apresentado carrega consigo a marca do pastoreio. Obviamente não existe problema nenhum em grandes grupos, multidões e ajuntamentos. Inclusive são objetivos legítimos, desde que não se perca a motivação inicial, o cuidado, o pastoreio, a conexão entre as juventudes dessa geração, a fé cristã, e a igreja.

Cada figura estrutural está baseada ou representada por *pessoas que assumirão responsabilidades com outras pessoas* dentro da dinâmica do ministério. Esse movimento relacional

não deve ficar esvaziado ou oculto nas entrelinhas, ao contrário, é o protagonista, é o ator principal.

O relacionamento saudável entre pessoas comprometidas com o ministériopossivelmente determinará o ***sucesso***, a realização e a alegria em despertar o chamado e o vocacionamento da vida e pra vida dos adolescentes e jovens da igreja local.

Ominist**é**rio com juventudefaz sentido e tem tudo a ver com gente que ama o que faz, e nada a ver com estruturas pré-determinadas e ou programas bem elaborados. Não cometa o pecado de subverter seu ministério às demandas de relatórios muitas vezes impostas pela realização de atividades. Vá além disso e pastoreie as pessoas, não os programas.Influencie gente!

Ao observar cada dica desse modelo, o que deve acontecer é que seu coração deve inflamar, arder, apaixonar-se pelos jovens de sua igreja e comunidade, e a partir daí, dar os passos necessários na direção do trabalho. Use as atividades como forma para alcançar as pessoas, e nunca as pessoas como forma de realizar as atividades.

Se você ama as pessoas, siga em frente nesse ministério e seus olhos se abrirão. Se não é essa a sua praia, abra o caminho pra outras pessoas ocuparem esse lugar e busque em Deus o sentido para o seu chamado.É uma avaliação necessária e uma tomada de decisão fundamental. Tenha coragem e faça isso.

Na construção desses temas, também é preciso considerar que por ser ministério para faixa etária, toda esta estrutura está ligada a outras que orientam toda a igreja.

Então, antes de aplicar algum método aqui, é preciso considerar e estudar quais os métodos adotados pelo pastor da igreja, liderança da igreja, visão, conceitos, missão e prática. É saudável reproduzir no ministério para juventudes o que já se pensa para toda a Igreja. Juventude é corpo, é igreja e compõe a igreja local.

Muitos projetos fracassaram por requererem sobre elesa independência na relação com a igreja local. Seguem aqui as definiçõesde autonomia (saudável), e independência (problema):

Autonomia: é a qualidade de ter independência, de ter a liberdade para tomar decisões, de ter responsabilidade sobre seus próprios atos, de ter autossuficiência.

Independência: ausência de dependência. Condição de uma pessoa, de uma coletividade, que não se submete a outra autoridade e se governa por suas próprias leis.

Aplique essas definições àsua experiência ministerial e use a autonomia como princípio.

Para liderar juventude é preciso maturidade, é precisosaber que a pulsão que existe nos grupos de jovens deve ser mediada pela submissão ao pastor da igreja. O pastor ou líder de jovem deve estimular sua juventude sempre a ser protagonista na instalação do Reino de Deus em sua comunidade, formar pessoas apaixonadas pelo Evangelho, discipular para o serviço e adoração.

Em contrapartida, o pastor da igreja deverá agir como facilitador da tarefa do líder da juventude. É péssimo se

relacionar com um líder inseguro, desleal, sem comprometimento com o bem-estar do outro.

Aos Pastores:

Pastores Titulares:

Deus sempre os sustente na complexidade de suas tarefas;

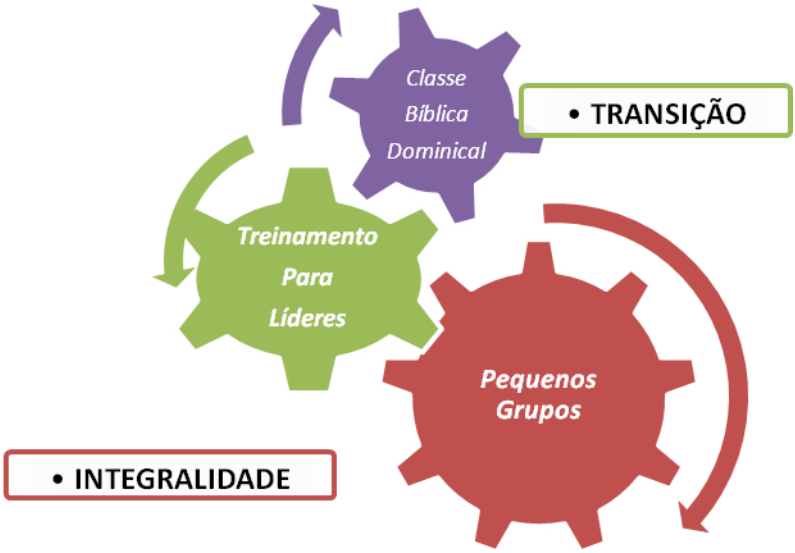
1. Cuidem de suas famílias;
2. Pensem nos pastores auxiliares como gostam que a igreja pense em vocês: financeiramente, emocionalmente, ministerialmente, no reconhecimento, no trato, no zelo e respeito;
3. Deêm a vida pelas ovelhas, mas não morram tristes pelas feridas que o ministério pode gerar;
4. Sejam inspiração para pastores novos na caminhada e abram oportunidades para os que não estão no mesmo lugar que vocês;

Pastores Auxiliares e líderes de Ministério:

Deus sempre os sustente na complexidade de suas tarefas;

1. Cuidem de suas famílias;
2. Pensem nos pastores titulares e outros colegas como gostam que as ovelhas pensem em vocês. Sejam éticos, servos, leais, amigos, honestos e nunca desejem o lugar de seus líderes;
3. Invistam suas energias na igreja local como se fora o titular, mas lembre-se: você não o é;
4. Ministério auxiliar é chamado;
5. Sejam referência de cuidado com seu pastor para a igreja;

Árdua tarefa é a de ser equipe pastoral na igreja local. Quando encontrar com quem trabalhar, vivam o ministério conjuntamente.



ESTRUTURA FUNCIONAL DO ENSINO

Ao mesmo tempo em que os jovens, individualmente, demonstram uma grande curiosidade sobre as narrativas bíblicas, um desejo pelas escrituras, ocorre simultaneamente, um esvaziamento sem precedentes das classes de ensino bíblico para as juventudes, com atenção maior para aquelas que funcionam aos domingos pela manhã. É a dura realidade da maioria das igrejas locais. Líderes no Brasil inteiro correm atrás deum programa atrativo e eficiente que desperte o desejo dos jovens pelos encontros de estudo bíblicos.

A imagem das classes concorridas, dos ambientes empolgantes e barulhentos pela presença dos jovens cada vez mais é caricata e se perde na memória dos que experimentaram essa época. Será que essa experiência está posta para o passado e a igreja não reencontrará esse caminho de conexão entre os fóruns de estudo da bíblia e a juventude?

Nascomunidades de médio e pequeno porte essaausência poderá ser notada com muita facilidade. Nasgrandes e megas igrejas, o número elevado de membros ameniza e oculta as evidênciasdesse fenômeno de evasão. Uma observação criteriosa mostrará que ele também está presente nas comunidades com maior número de membros.

Essa problemática é para a maioria das Igrejas, e com raríssimas exceções, será possível encontrar algum grupo que já tenha achado o ponto. Essa fotografia das classes bíblicas atuais, no que diz respeito à frequência, àevasão dos Jovens dos locais de ensino, é o maior sinal da discrepância, e fator de afirmação

da contradição entre o movimento “gospel”, totalmente badalado e festejado em nosso país dentro dosgrupos evangélicos, e a cultura de conhecimento e profundidade bíblica.

Muitos líderes têm visto seus ministérios comprometidos e questionados justamente porque esta perna do tripé simplesmente não funciona, e entãoficam completamente frustrados por não saberem como responder a esta demanda. E realmente não vão responder sozinhos.

Esta não é uma deficiência específica do ministério para juventude e nem deve ser chamada de deficiência visto que, na verdade, é um movimento mais global do que se imagina. Estamos no meio de uma grande transição de forma e estética no que diz respeito ao acesso de conteúdos e capacidade de comunicação para com essa geração. O *Google* e aplicativos virtuais de pesquisa respondem imediatamente qualquer pergunta e dúvida sobre temas bíblicos ou não. Como inserir a classe bíblica na rotina da galera com essas ferramentas poderosas disponíveis em tempo integral?

A escola secular sofre, as instituições formais de ensino também; a igreja não ficariafora disso. Todos devem se debruçar sobre esta questão: família, igreja, jovem e liderança de juventude. O problema é sistêmico, congênito e estrutural. Exige de todos que tenham participação no processo de ensino bíblico cooperação e dedicação. Mas certamente caberá aopastor, ministro ou líder de juventude, não somente expressar suas preocupações, como também liderar os grupos de trabalho na procura pelo caminho de reencontro das juventudes da igreja com a paixão pelo estudo bíblico.

É estarrecedor e gritante o contraste com relação aos eventos, por exemplo. Onde nos perdemos?

O momento é propício para revermos nossa metodologia, nossa estética, nossa forma, e contextualizarmos o conteúdo, sem perder o fio de ensino e doutrinação, considerando efetivamente na comunicação as transformações sociológicas dessa geração – transformações sociológicas e hábitos mesmo. Ignorar é bobagem.

Essa turma hoje dorme mais tarde no fim de semana, são expectadores de eventos esportivos na madrugada, estão ativos em bate papos madrugada a dentro com seus smartphones e redes sociais, têm uma rotina mais puxada que a maioria dos adultos. Será um apontamento para conversar sobre os horários usados para ensino? Será somente falta de comprometimento mesmo? Será desinteresse pelas atividades de ensino bíblico?

Épertinente fazer as perguntas corretas, e sem temor ou constrangimento, fragilizar a ortodoxia da forma para encontrar as soluções.

Em 10 anospassamos a ter no Brasil um número dez vezes maior de jovens em universidades. É uma revolução em andamento na forma de construir reflexão e ensino. Negros, pobres, ricos, classe média, todos estão acessando as universidades. Precisamos de uma *voz do céu* nas universidades.

Havia até o final da década de 90um projeto educacional e formativo, claramente definido para as igrejas locais. E funcionou muito bem por muito tempo, dentro dos objetivos propostos.

Classes bíblicas com revistas padronizadas, organizações e departamentos para meninos e meninas, uniões de treinamento para jovens, todos sempre muito bem frequentados. Esses espaços, se foram planejados ou não, respondiam as necessidades que a igreja tinha, e com excelência. Líderes e lideranças foram formados e tiveram suas capacidades, dons e talentos desenvolvidos pela ação educacional e informacional desses programas, é inegável. Muitos chamados e vocações foram despertados pelas reuniõesde estudos bíblicos promovidos através de atividades propostas nesse modelo de ensino.

Novos olhares para a forma de ser igreja foram sucintamente colocando o antigo projeto educacional de lado. Modelos de Igreja, estratégias de crescimento, programas contextualizados etc. A Igreja Evangélica Histórica Brasileira sofreu muitas influências que colocaram em cheque o valor desse projeto educacional tradicional. No entanto, não se pensou na transição de modelo, em uma forma de atender a juventude. Emais do que isso, junto desse movimento de reformatação de igreja me parece, coincidentemente, que a maneira de ser jovem no mundo também mudou radicalmente.

O que aconteceu é que não tínhamos mais a fórmulapra atender aos jovens, e pior, deixamos de reconhecer a maneira como esses passaram a se relacionar com a Igreja.

Não será necessário iniciarmos um debate sobre o valor do antigo projeto educacional, ou mesmo sobre a eficiência dos novos modelos. A ideia aqui não é fazer juízo de mérito ou valor sobre nenhum projeto educacional. Qualquer que seja o executado na igreja local deverá ser pensado e repensado sempre que houver necessidade. Precisaremos fazer algumas

perguntas. Faça essas perguntas às pessoas que lideram junto com você também:

1. Os Jovens e Adolescentes frequentam as Igrejas nas celebrações matinais? Será o domingo pela manhã, então, o melhor horário para o ensino?

Sim? Não? Por quê?

2. Será a evasão resultado exclusivamente de ausência de comprometimento das juventudes?

Sim? Não? Por quê?

3. A minha classe de ensino bíblico é relevante?

Sim? Não? Por quê?

4. Alguma consulta foi feita às Juventudes sobre os temas de maior interesse e necessidade?

Sim? Não? Por quê?

5. A minha classe é estimulante?

Sim? Não? Por quê?

6. Dedico tempo suficiente e necessário na preparação dos estudos bíblicos para a minha classe?

Sim? Não? Por quê?

7. Minha classe é criativa?

Sim? Não? Por quê?

8. Utilizo algum tipo de recurso tecnológico na comunicação com meus alunos?

Sim? Não? Por quê?

9. Tenho prazer em dar aula, ou é simplesmente uma obrigação?

Sim? Não? Por quê?

10. Faz algum sentido pra vida dos meus alunos, em casa, no colégio ou nas faculdades os ensinamentos que ofereço na minha classe?

Sim? Não? Por quê?

Feitas as perguntas sobre a dinâmica, relevância, qualidade, comprometimento e funcionalidade das classes bíblicas, será preciso agora refletir sobre o que orienta o ensino ministrado em nossas classes. Será possível desconsiderar as perguntas que essa geração tem gritado dentro dos pátios de nossas igrejas e que não repercutem nos nossos fóruns e ajuntamentos?

Incrível como nas conversas informais os temas da vida são considerados e tratados com clareza e verdade. Falam sobre sexo, drogas, homossexualidade, poliamor, *nudes* e todos os temas atuais e que fazem parte de suas vivências diárias nos pátios dos templos com toda naturalidade e abertura.

Basta iniciar formalmente os encontros e um tabu histórico se instala. A arrogância da afirmativa sem reflexão toma conta dos espaços, gerando tensão, desinteresse e distanciamento visível entre a juventude e os espaços formais. Os temas doutrinários e fundantes aos nossos princípios precisarão

sempre ser respondidos, mas outras perguntas surgirão. Devem ser respondidas. Respondidas com coragem, biblicamente e dentro do movimento da história.

Como esse projeto educacional funcionou por muito tempo e atendeu com qualidade e excelência as igrejas locais, naturalmente ele se reproduziu e criou raízes, passando a ser a única e absoluta forma de ensinar nas classes bíblicas.

O ensino devia ser feito em umhorário determinado e padronizado. Insisto, as rotinas mudaram, e esse já deveria ser um fator suficiente para alteração da forma. Não bastasse a rotina ter mudado, a quantidade de informações recebidas pelas pessoas é absurda, o que fez com que aquele momento de 50 minutos semanalmente tornasse pequeno e insuficiente.

Não bastassem as rotinas e o acesso à informação, a maneira como se transmite informação, pessoal e individualizada, também se tornou outro fator de risco para o bom funcionamento das classes. O que fazer? Ações complementares são imprescindíveis no currículo de ensino para o estudo da bíblia. Levar o ensino ao dia a dia do jovem deixa de ser um objetivo e passa a ser uma estratégia para a formação dos valores do Reino.

Uma forma de ensinar é repercutir na prática o conteúdo transmitido. Aqui faz todo o sentido quando chamamos a liderança da igreja a pensar uma estrutura adequada junto ao ministério para juventude.

Considero fundamental e necessário fazer leiturasobre a realidade e peculiaridade da comunidade e promover investimento e aprimoramento nos recursos facilitadores para o

ensino. As dificuldades financeiras não deverãotornar-se justificativa para o acomodamento, se oque se pretende é uma efetiva comunicação com a juventude.

A liderança do ministério para juventudes, por sua vez, precisará entender a maneira como a localidade onde a igreja está inserida funciona, e inserir o apoio àcomunidade como parte de seu projeto educacional. Fazer essa conexão entre o ensino oferecido e as necessidades das pessoas do bairro e da cidade, e a partir disso apontar para a juventude da igreja esta como pode contribuir e se envolver, facilita, estimula e atrai demais os jovens aos locais de ensino. Se fizer sentido na vida o que eles aprendem em classe, certamente haverá semanalmente um publico interessado e ativo.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE LÍDERES

Como perceber líderes para a juventude?

Esse é outro ponto fundamental para a composição de um ministério saudável. A imagem perpetuada sobre líderes de juventude esteve posta por muito tempo sobre a base da popularidade do jovem. O rapaz com habilidades que servem à liturgia ou à celebração, a moça com boa oratória, comunicativa e sem timidez.

Normalmente se destacam dentro do grupo e naturalmente vão se pondo a frente dos trabalhos, o que os torna referência para as juventudes e as faixas etárias. Conquistam as funções de liderança, principalmente quando os eventos são o ponto alto do trabalho, e não há dificuldades que parem essas pessoas se de fato elas têm o desejo, a paixão, o comprometimento, e amor por esse ministério. Provavelmente, se tornarão líderes incríveis e muito especiais no Reino de Deus. Mas mesmo esses precisam de treinamento e discipulado. Popularidade não é suficiente.

Ainda tem a história clássica do vocacionado (estudante de teologia ou se preparando para missões) que assume a responsabilidade de liderar a juventude da igreja na ausência de qualquer pessoa que queira assumir, mesmo quando declara que liderar juventude não faz parte de sua vocação. Esse é sempre o início de grandes desgastes e continuamos repetindo os mesmos erros.

Ainda tem o vocacionado que só encontra espaço para ser visto no trabalho com jovens, e usa o ministério de jovens como plataforma para galgar posições diante da igreja e de suas lideranças. Isso vai matar a juventude, éum erro gravíssimo na composição de um ministério para juventudes saudável e relevante.

Não há pré-requisitos estéticos, intelectuais, de oratória ou de popularidade necessários para se tornar líder de juventude. Se houve esse modelo, caiu, não serve mais. O líder deve ser apaixonado pelo evangelho, por pessoas; servo, comprometido com a igreja local e com o desejo de influenciar toda uma geração a comprometer-se com Cristo, Sua Salvação e os valores do Reino de Deus nessa sociedade. E essas características são fruto de um programa de discipulado e treinamento bem definido. Encontros semanais para compartilhamento, leitura bíblica e oração com pessoas de confiança. Seus líderes surgirão nesse processo. Não tem mágica.

Estou convencido sobre o valor da intencionalidade nos encontros pessoais para o despertamento de líderes comprometidos com a causa da juventude na igreja local. A ideia é o básico do discipulado mesmo.

Nesse ponto, o líder ou pastor para juventude da igreja precisará ter um modelo ou proposta de trabalho bem definido que o norteará nas demandas do dia a dia, não o inverso – as demandas norteando as ações do ministério. Se for este o caso, o trabalho sempre será refém de seus próprios problemas. É preciso ser proativo no desempenho do ministério para juventude e compartilhar essa proposta ou método de trabalho com outras pessoas.

FIGURA DO TRIPÉ
QUE ORIENTA O TRABALHO

Qual é o seu método?

O líder deve ensinar aos seus liderados o que acredita ideal para a juventude e na instrumentalidade do Espírito Santo, agir como mestre formador e gerador de pessoas que repercutam por convicção a proposta do evangelho na vida de outras pessoas. A tarefa é simples, mas fundamental edemanda energia, tempo, disponibilidade e paciência.

É preciso relacionar-se com liderados expressando autenticamente o desejo de contar com eles na vida e com a contribuição deles no ministério. É a mistura ideal entre o relacionamento pessoal com o outro e a funcionalidade exigida pela operação prática do ministério de faixa etária na igreja local.

O pastor, líder ou ministro comprometido com a formação de novos líderes chegará certamente a resultados muito abençoadores. É aqui onde faz toda a diferença ter um trabalho de médio a longo prazo com diretrizes bem articuladas e definidas, sem a pressão dos números norteando a pastoral e o pastoreio.

Se os eventos trazem visibilidade e ajuntamentos rapidamente, o discipulado é quase invisível para as

celebrações, gerando vida e oxigenação às pessoas e não àinstituição. O coração pastoral vai ser fundamental para a implantação desse tipo de trabalho; é eleo Caminho para as demandas de renovação de liderança no ministério de faixa etária e ainda a ponte ideal para a transição.

TRANSIÇÃO

A renovação de liderança dentro da faixa etária é muito intensa. Esse é um ponto fundamental a ser observado e muitas vezes se torna um problema na continuidade do ministério e na saúde do trabalho desenvolvido. As pessoas crescem, desenvolvem, desencantam, mudam de lugar, casam, têm filhos, estabelecem outros planos e outras atividades, redescobrem seu ministério em outra área ou faixa etária.

Toda liderança de apoio se renova completamente de 3 a 4 anos no máximo. Isso é uma loucura e gera muita angústia para quem coordena ministério com juventude. Mas ao mesmo tempo é natural e vale a pena se organizar para esse movimento natural da juventude, que é por si própria uma fase de transição do indivíduo e de preparação para a vida.

Vale à pena observar o quadro de subdivisões do ministério.

Adolescentes de 11 a 14 anos chegam rapidamente àfaculdade, acessando outro grupo de interesses completamente diferente do grupo dessa primeira fase da adolescência, por isso é fundamental líderes que se renovem juntamente com o grupo transicionado. É determinante não permitir essas lacunas na estrutura relacional do ministério. Esteja preparado para as transições, isso manterá o funcionamento saudável do projeto.

Muitos ministros fazem um trabalho incrível por até 3 anos e depois não conseguem identificarporque seu trabalho entra em defasagem. É a falha comum narenovação da liderança. Treinam sua primeira geração de líderes para a vida, no entanto, o tempo de contribuição dos voluntários no ministério para juventudes normalmente é muito curto, com raríssimas exceções.

Outra vez, vale aprender com aquele modelo antigo. A eleição de adolescentes para presidência e diretoria do grupo da igreja local, intencionalmente ou não, mantinha ativa a comunicação entre iguais na faixa etária. Significava pessoas com interesses em comum compartilhando os motivos do evangelho e assumindo responsabilidades diante da igreja e da comunidade em que a Igreja estivesse inserida.

Não há aqui uma proposta para retornarmos a essa dinâmica – já descobrimos que o processo de descontinuidade é prejudicial –, apesar de ainda existiremigrejas que adotam esse modelo e o fazem bem. Quero apenas ilustar que cada faixa ou faixa auxiliar deverá ter líderes auxiliares ao ministro que respondam diretamente pelo grupo.

Para o grupo de 11 a 14 anos, é fundamental ter líderes referências com essa idade, gente que mantenha o ministroconectado com as transformações, anseios e vivência do grupo dentro da faixa etária, que comunique com eles sem interferência, em simultaneidade com o processo de formação continuada de líderes que se repetirá entre todos os outros grupos da juventude. Discipulados, ensinados e comprometidos. Essa tarefa é fundamental e cabe exclusivamente aominist ro, líder ou pastor para as juventudes.

A pergunta então é: como formar novos líderes continuamente? O discipulado intencional é uma alternativa, como observado acima. Instala naturalmente o fluxo de formação para o ministério – Líderes formando novos líderes, todos com a marca do ministério em desenvolvimento. Ainda humaniza o processo e desfaz aquele jeito ruim de liderar utilizando as pessoas como peças de uma máquina, equilibra a necessidade da operação com a benção do relacionamento. É incrível quando isso acontece de fato. Isso multiplica, se difunde, espalha e fortalece o ministério.

A ideia do líder *especial e super* para estar a frente de todas as atividades está superada desde o tempo de Jesus. Discipular novos líderes com os ideais do ministério, a partir dos valores do Reino percebidos na prática eclesiástica, e estimular os líderes formados a discipularem outros, zelandocom carinho e dedicação pela continuidade desse processo é o grande desafio.

Se a ideia for desenvolver um ministério para as pessoas, através das pessoas e que considere as atividades relacionais como fundamentais no crescimento cristão, então esse é um caminho que trará resultados relevantes ao ministério para juventudes. Vai além do simples ajuntamento de multidões alcançado pelos eventos. Gente cuidando de gente, considerando virtudes, limites e mesmo as deficiências. Esse é o princípio do avivamento através da graça de Deus, compartilhada na instrumentalidade do Espírito Santo e da capacidade dada a cada um no exercício dos dons e talentos. Isso é ministério cristão.

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR

Um programa otimizado de leituras alternativas, com bons pensadores e autores contemporâneos e da história, éoutra maneira de contribuir com a formação qualificada de líderes para a juventude. Aproximá-los de ambientes onde outras pessoas estejam envolvidas com o Reino e com o ministério, fazendo a mesma coisa com formatos diferentes também é excelente.

Acredite na capacidade do outro tanto quanto na sua mesma. Insira sem medo novas e boas ideias ao seu projeto original, atualize seu conteúdo sempre que perceber necessidade, sem constrangimentos ou resistências. Outras pessoas fazem coisas excelentes, liderados muitas vezes têm ideias melhores que os líderes, pessoas com consciência de suas limitações pessoais estão sempre dispostas ao aprendizado e prontas para o crescimento em todos os aspectos.

Líderes apaixonados pelas pessoas são incríveis para desenvolver qualquer método ou projeto. Eles vão além do pragmatismo da letra, entregam-se de verdade, investem tempo, recursos, intelectualidade, afetividade e serviço sem medida. São servos do Senhor na vida do próximo. Invista nas pessoas.

O ensino e suas transformações históricas: Outra avaliação que líderes e professores para juventudes deixam de fazer normalmente de fazer é sobre o choque de gerações.

A área de ensino é quem irá mediar essas questões e trazer luz para as faixas etárias sobre o que são simples hábitos, costumes da geração anterior, quais são os fundamentos

bíblicos inegociáveis eaté mesmo se a "novidade" não significa somente modismo sem valor para o Evangelho. Toda ação deverá ser cristocêntrica, relevante e divertida, isso minimizará muitos problemas na reformatação estética de conteúdo ou prática.

Lidere juventude com pessoas mais novas e com mais idade que você, ouça todas igualmente e seja o filtro do equilíbrio. A autenticidade na forma de comunicar com cada grupo será determinante para o interesse dos jovens e para afrequência deles aos vários fóruns de ensino e estudo bíblico.

Essa estrutura de ensino é relacional, e para isso os pequenos grupos são uma oportunidade de compartilhar experiências, de aplicar ensino e estimular o outro à vida cristã. Muitas igrejas reduziram o ensino àclasse bíblica e o que se percebe é que essadecisão é um equívoco, comoo é também abrir mão da classe semanal para estudo em pequenos grupos. São atividades complementares, funcionam juntas. Se bem elaboradas são uma ferramenta incrível de compartilhamento da palavra movidos pela ação comunitária. A composição dos pequenos grupos deverá sempre ser pensada por fatores de interesse e convergência. Ainda trataremos com mais profundidade sobre essas duas questões fundamentais. Composição dos grupos (fatores de convergência) e transição. Um olhar mais criterioso sobre esses processos poderá contribuir na dinâmica e sustentação do grupo.

COMO OPERAMOS AS SUBDIVISÕES

Essa é mais uma das peculiaridades do ministério para juventude definidas fundamentalmente pela vocação do jovem na comunidade. Tem tudo a ver com a realidade da igreja local. Pode ser a praia, a montanha, a favela, o ambiente rural, o comércio, ou quaisquer outras vocações que sejam comuns ao grupo em sua maioria.

O fator de convergência é uma simples observação sobre o que é que as juventudes de sua igreja têm em comum. Será o facilitar da comunicação de seu projeto de trabalho e também a plataforma de conexão na hora de transicionar as pessoas dentro das faixas etárias. Motivos de conversa e diálogo entre os diferentes. Em nossa comunidade, a universidade é um **fator de convergência** importante, por isso é apartir deste entendimento que proponho minhas ações. Será necessário, fundamental, identificar rapidamente qual é o **fator de convergência** em suas juventudes. Essa será sua bússola e lhe permitirá a direção e a leitura adequada de e para seu grupo de trabalho.



PAPEL DOS PAIS NO MINISTÉRIO PARA JUVENTUDE



Os pais são os responsáveis pela formação bíblico-cristã-espiritual dos filhos. Essa é uma afirmativa simples e óbvia; não deve pairar sobre essa afirmativa qualquer sombra de dúvida. Mesmo assim a função tem sido transferida/terceirizada para os programas eclesiásticos e muitas vezes para ministros e pastores de faixa etária que, equivocadamente, diga-se de passagem, também têm sua parcela de culpa, por muitas vezes chamarem para Si uma autoridade que não lhes foi concedida. Educar filho é prerrogativa de pais. Se os pais não assumem, o papel do líder, pastor, ministro ou voluntário é abrir os olhos dos responsáveis e lhes aconselhar, orientar, sobre essa necessidade. Qualquer outra matemática não terá resultado adequado. Na ausência dos pais, peça a Deus direção para ajudar nesse desafio.

Alguém talvez pergunte. E se os pais ou um dos pais não forem membros da igreja, ou mesmo cristãos convertidos? Trate esses casos com a particularidade que eles requerem, mas tenha em mente que os melhores educadores dos filhos sempre serão os pais (Efésios 6: 1 a 4).

Assim como a educação para a vida se constrói a partir dos valores éticos e morais afirmados no dia a dia, a base para a experiência cristã também. A consciência sobre essa função e dever por parte dos pais e responsáveis será determinante no processo de implantação de um ministério para juventude sólido e consistente em qualquer igreja local. Veja bem: determinante. É impossível qualquer ação ministerial orgânica e saudável para a Igreja sem a participação da família. No caso das faixas etárias que atendem filhos, os pais precisarãoassumir sua parcela de responsabilidade, dedicação, parceria e comprometimento com a formação e desenvolvimento cristão e espiritual dos filhos. No entanto, observe que a realidade das nossas igrejas tem revelado exatamente o oposto a estas afirmativas, em grande maioria.

O mundo mudou. Essa mudança do mundo significa que as rotinas se alteraram, que o jeito de viver é outro.Os hábitos e comportamentos das pessoas se transformaram paralelamente, e essas alterações nos apresentaram duas perspectivas que implicam diretamente na formação cristã dos filhos e em sua experiência com a igreja.

A primeira é a falta de tempo. Se os pais tinham tempo para ensinarem a bíblia, apresentar verdades e valores do Reino e fazerem as pontes necessárias para a integração de seus filhos com a igreja, hoje não têm mais. Encontros familiares devocionais são cada vez mais escassos. Não enxergue *cliché* ou

superficialidade nessas observações. São hábitos relacionais, momentos de intimidade, de compartilhamento das necessidades, celebrações de conquistas coletivas que se perderam.

Tornou-se obsoleta a prática da oração familiar nos moldes comuns de30 anos atrás. É resultado de uma experiência cada vez mais individualista desta sociedade, que invadiu também nossas casas, tirando das famílias os menores momentos de comunhão, substituídos por nada ou muitas vezes por expectações alienantes e anestesiantes diante de programas na TV e/ou conversas longas e animadas através das redes socias. É uma realidade. E aqui não faço nessas afirmativas nenhum juízo de valor, simplesmente uma observação do modo como as pessoas vivem e da maneira como isso influencia nos hábitos e comportamentos e consequentemente o peso que traz sobre a formação bíblico-cristã dos filhos, adolescentes e jovens.

As tecnologias trouxeram para nós um caminho sem volta. Não é possível imaginar a vida sem os recursos tecnológicos, e é claro que não podemos negar o valor e o conforto que nos trouxeram. Comunicação instantânea o tempo todo, online.

Por ser novo ainda não fizemos a migração completa daquele estilo devida na outra geração sem tecnologia para esse formato. Alguns resistem bravamente, outros aceitam, mas não sabem como fazer, alguns simplesmente ignoram, e ainda existem aqueles que deletam tudo que havia de antigo e se constroem à partir do modo hi-tech. A verdade é que o *modus operantis* se transformou e mexeu na maneira de ensinar os filhos a serem cristãos para esse tempo. Ainda há uma agravante nesse processo: temos uma geração de pais experimentando um profundo constrangimento diante dos

filhos que parecem entender mais desse tempo do que eles próprios.

"O educador faz "depósitos" de conteúdos que devem ser arquivados pelos educandos... O educador será tanto melhor educador quanto mais conseguir "depositar" nos educandos" (Freire, 1983:66).

Diferentemente de qualquer outra geração, nesse tempo os filhos dominam o saber que rege o mundo; atecnologia. E a pergunta que inevitavelmente surge, é: eagora?

Duas dicas muito simples aos pais: aumentem a velocidade e otimizemas oportunidades. Conversem o máximo de vezes possível, por todos os canais, com seus filhos sobre os valores do Reino. É uma geração que manda fotos de seu corpo pela internet para qualquer desconhecido, mas, paradoxalmente luta por ética nos relacionamentos. Seja ético. Ensine-os sobre a bíblia com verdade e profundidade. Estude ao ensinar e responda as perguntas que forem feitas – elas virão.

SEJA VOZ DO CÉU NA FAMÍLIA

Temos uma geração que anseia por descobrir na bíblia as afirmações que ouvem semanalmente. O outro equívocoé então pensar na formação bíblico-espiritual para o templo somente.

Se essa rejeição ao templo ganha força entre nossos jovens e preocupa os pais, a quantidade de jovens que frequentam os templos, mas não se entendem cristãos fora dele é ainda mais alarmante. Que evidência é essa de queas juventudes dessa geração não têm força para testemunhar os valores transformacionais do evangelho e sinalizar o Reino de Deus para essa sociedade? Já pararam para pensar nesse dado?

Uma das razões para todo esse movimento ora de esvaziamento cristão e desconexão eclesiástica, ora de cinismo evangélico, pode ser o fato de que enquanto cristãos no rendemos ao mundo das habilidades. Ceticamente preparamos ao longo da vida nossos filhos somente para serem bem-sucedidos no mercado, nas profissões, nos afazeres, nos relacionamentos, nos empreendimentos e por aí vai, ao invés, de formarmos cristãos bem-sucedidos em todas essas áreas. Priorizamos tudo, em relação à fé cristã, ao Reino e seus valores e o compromisso com a Comunidade de fé. Edepois ainda fazemos a pergunta: porque eles não priorizam a Igreja?

A pergunta a ser feita deve ser: quais as reformas necessárias devemos fazer no nosso modelo de educarmos filhos cristãos para formarmos uma geração que tenha comprometimento

com o evangelho de Cristo, com uma espiritualidade que se expresse na vida, e sobretudo para apresentar conteúdo bíblico aos jovens desse tempo? Se respondermos essas perguntas – quais as demandas e anseios, mesmo as dúvidas e questionamentos que os afligem – a partir de casa, em conjunto com o ministério para juventude da igreja local e principalmente ouvindo deles, *os adolescentes e jovens*, não teremos que nos preocupar mais com as questões de frequência aos templos.

Essas questões de frequência se tornarão secundárias e não nos trarão mais o medo terrível que nos faz pensar que perdemos nossos jovens para o pior. Eles, por conseguinte, serão testemunhas de Cristo onde estiverem. A preocupação com a frequência aos templos é tão intensa e aterrorizante porque aos olharmos para ajuventude cristã de nossos dias não enxergamos, obviamente, sem generalizar, jovens cristãos, até porque a forma de ser cristão mudou – pense com calma nisso antes de reagir. Basicamente o que vemos são jovens em sua maioria com pouco ou nenhum conteúdo bíblico, sem afirmação e influência do evangelho de Cristo, e principalmente, vulneráveis a qualquer experiência que corrompa os valores do Reino de Deus.

A alteração no modo de viver das pessoas nesse tempo ainda trouxe uma implicação prática muito ruim para o relacionamento entre pais e filhos. O modelo de educação baseado nas compensações, e não mais nas convicções, significa que os pais, devido à falta de tempo, além de todas as consequências da experiência pouco relacional, ainda sofrem de um fator agravante cruel: aculpa por não estarem presentes.

É corriqueiro ver pais que se sentem constantemente em ***dívida*** com seus filhos. Porque isso ocorre? Os pais de hoje ainda

são a última geração de filhos que tiveram os pais em casa em horário quase integral, são os da transição. Esse é o modelo de referência.

Quando olham para suas práticas, naturalmente se acusam de estarem falhando no tempo que dedicam aos filhos, na profundidade da abordagem aos mais variados temas, no cuidado com as questões mais básicas do cotidiano. Como uma corrente devastadora, surgem a culpa e a dívida, e qualquer processo educacional fundamentado na culpa ou na sensação de dívida está cruelmente fadado ao fracasso.

A questão é que chegamos aqui com todos esses desafios e, ao que parece, ainda não sabemos para onde estamos indo. Os resultados têm sido ruins, é a hora de fazermos essa reflexão pontual sobre os erros que temos cometido. Insisto ainda em que o ajuste deve ser feito nas estruturas dos nossos projetos educacionais. Um programa familiar bem definido de educação cristã precisa ser prioritária e urgentemente instalado e executado.

"Você me diz que seus pais não te entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo, isso é um absurdo
São crianças como você,
O que você vai ser quando você crescer?"
(Legião Urbana)

Um modelo educacional fundamentado somente na compensação estará apriori corrompido.

Dicas sobre como contribuir enquanto pais com o ministério para juventude de sua igreja. São dicas, não fórmulas:

1. Incentive, insista para que seu filho participe das atividades do ministério, envolva-se na mobilização;
2. Ensine seu filho sobre obediência e autoridade. Não é abaixar a cabeça para ditadores, autoritaristas, procure o modelo bíblico para esse tema e ensine;
3. Invista nos líderes do ministério. Tenha cuidado com as pessoas que cuidam de seus filhos;
4. Invista na formação e reciclagem dos líderes;
5. Conheça as necessidades do Ministério e da estrutura para juventude de sua igreja;
6. Invista seu tempo para facilitar o desenvolvimento do trabalho;
7. Apoie e valorize os eventos da juventude, mesmo quando não forem parecidos com os que você fazia quando era jovem;
8. Converse com o pastor, ministro ou líder de juventude, mobilize outros pais, e tenham um encontro mensal para orar e conversar sobre as transformações no mundo;
9. Leia e ensine a bíblia para seu filho, é sua responsabilidade;
10. Ame os jovens da igreja e da comunidade, como a seus próprios filhos;

"Como é hoje? Inventamos o carrinho do bebê. As crianças menores são transportadas deitadas de costas, olhando para o céu. A criança não compartilha a experiência visual da mãe, não consegue associar as expressões faciais da mãe. Os sons ouvidos pela criança dificilmente podem ser associados a

experiências visuais, atividades ou sentimentos." (REINACH, Fernando) em Crianças Proibidas de Ver.

Olhe bem nos olhos de seu filho e deixe claro para ele o quanto você ama a Deus, e acredita no amor dEle por você.Nossos filhos são o principal motivo de nossa vida. O desejo de todo pai cristão, independentemente da ideologia que afirma – uns são mais conservadores ou mais liberais –, é o de enxergar no seu filho uma testemunha do evangelho, perceber que os valores de Cristo sempre irão nortear suas decisões e escolhas.

Pais de Jovens e adolescentes são hoje os grupos mais preocupados nas igrejas locais. Muitos experimentam no dia a dia a preocupação por verem seus filhos cada vez mais distantes de sua fé e do evangelho.

O papel dos pais é formar, e o do ministério para juventudeé facilitar e dar consistência aos jovens nessa conversa e conexão com a igreja. Estão no mesmo propósito em instâncias diferentes.

Invista tempo na espiritualidade de seu filho. Este deve ser o seu primeiro projeto, formar seus filhos cristãos bem sucedidos para esta geração, éticos, comprometidos com as necessidades dos menos favorecidos, testemunhas do Evangelho e representantes ativos de uma igreja que reconhece seu valor e sua função transformacional para essa sociedade.

MOBILIZAÇÃO E EVENTOS



Os eventos são a imagem do ministério para juventude, o cartão de visitas, e muitas vezes reflete o tipo de trabalho que se desenvolve junto aos adolescentes e jovens. Bons eventos são o combustível para o desenvolvimento do trabalho no dia a dia. Geram energia e fôlego, o que possibilita avançar e superar muitos dos desafios que um trabalho com jovens naturalmente apresenta.

Dada suaimportância, confundiu líderes e igrejas, que reduziram ou reduzem todo o trabalho das juventudes aoseventos mensais, congressos anuais ecultos do mês da juventude, convidando cantores e pregadores que estejam bombando na mídia, lotando o templo naqueles dias e sustentando até o próximo grande evento a imagem de uma juventude viva e ativa.

É possível liderar nesse modelo, e é até um modo de liderança, mas certamente não influencia o adolescente e o jovem em seu dia a dia como servos e cristãos. É um modelo falido em si mesmo, e ainda assim, somente cabe àqueles que dispõem de muitos recursos financeiros, e/ou estejam dispostos a dispensarem toda sua energia em campanhas e levantamento de grana para essa finalidade.

O outro lado ainda mais cruel desse formato e método de liderança é que os que não têm recursos financeiros para contratar os cantores e pregadores famosos, mas que mantêm a demanda e desejo pelos templos lotados como forma de resultado, ao final de seus encontros experimentam a sensação de desapontamento e dor por não enxergarem as multidões entrando e saindo de seus espaços. Ao contrário do que gostariam, lidam com o constrangimento por precisarem encar seus templos vazios.

Nos dois casos citados acima, muitos líderes por todo o país têm testemunhado que poucos segundos após os encontros de ajuntamento pelo ajuntamento, com famosos ou não, lotados ou não, a maioria dos jovens dão demonstrações evidentes de não lembrarem mais o que aconteceu na celebração. Esse tipo de encontro não faz o menor sentido para avida.

Antes de continuar a exposição sobre essa relação entre mobilização e proposta de espiritualidade, ficam aqui algumas dicas:

1. Comunique-se diariamente com seus liderados, ainda que por redes sociais;

2. Mobilize os pequenos grupos e dedique tempo ao pleno funcionamento deles, pois são fundamentais para as pessoas e para o trabalho;

3. Mantenha seus auxiliares e liderados motivados pela paixão ao Reino e às pessoas;

4. Conscientize pais e líderes da igreja sobre o valor dos pequenos e grandes trabalhos, dos pequenos e grandes ajuntamentos;

5. Tenha uma agenda diária, semanal e mensal com sua juventude bem definida, crie um sistema a partir de sua realidade;

6. Seja criativo e esqueça os modismos do mercado gospel, preze pela autenticidade, isso atrairá sua comunidade;

7. É possível fazer bons eventos com criatividade, qualidade e poucos recursos financeiros;

8. Defina o que você quer dos seus eventos e faça o melhor evento da região dentro da sua proposta – não por competição, mas porque os seus liderados e convidados devem ser bem cuidados e o Reino deve ser sinalizado da melhor maneira. Ainda que seja um evento com caixotes na rua e sem recursos sonoros, a rua deve estar limpa, os caixotes seguros e os violões afinados. Não confunda simplicidade com relaxamento.

9. Os adolescentes e jovens de sua igreja devem ter voz e participação ativa na formulação e direção dos eventos;

10. Os eventos têm seu valor relacional, maso ministério não deve ser reduzido a eles;

ESPIRITUALIDADE, SERVIÇO OU PRODUTO?

Voz do céu na igreja e na cidade

Temos a possibilidade de superar o modelo gospel de espiritualidade e mesmo de ajuntamentopelo atrativo mercadológico, se é que os podemos chamar assim, propostos até aqui.

Temerariamente investimos e seguimos o caminho da lógica de mercado e consumo para a maneira como expressamos nossa convicção de fé e na busca de relacionarmos com Deus. Que loucura essa compreensão!

Essa prática, buscar a Deus através de produtos de consumo, se contradiz na sua origem e essência. São caminhos opostos e levam a lugares diferentes, daí será necessário fazermos a opção sobre onde queremos chegar. O relacionamento com Deus desemboca em serviço, um dos nomes para adoração. O consumidor é egoísta, um dos nomes para avarento. Qual é o caminho que queremos seguir?

É Por isso que tanta gente se impressiona e mesmo se emociona diante de alguém que afirma "cheirar" a bíblia, fazendo relação da bíblia com o consumo ilícito de drogas. Que maluquice é essa? Honestamente, não é possível entender. Causa muito susto e intriga mesmo. Que carência é essa que tomou conta de uma geração inteira e nos distancia de qualquer nível de reflexão e profundidade para a experiência imediata e superficial? É o culto da satisfação do individuo em detrimento da adoração e entrega radical do servo diante do Senhor. Mesmo que baseada em nada. As sensações simplesmente nos

conduzem, tem que ser bom e dar onda. Em que furada nos metemos, hein?!

É isso mesmo, somos filhos do consumo, geração de consumidores. E o grande X do consumo é que ele é altamente viciante, e às vezes, estimulante. Teremos um problema sério enquanto servos de Cristo, pois toda relação de consumo está baseada na satisfação pessoal.

As trocas de carro, do celular, da roupa, do curso na faculdade sem maiores considerações, fazem parte desse novo modelo de vida, o da substituição constante conforme as novas demandas e mesmo a partir das expectativas. Ainda que na maioria das vezes essa expectativa seja somente social, dos outros com relação ao indivíduo, já é um fator determinante para a tomada de decisão. O importanteé que o indivíduo (cliente) esteja satisfeito ao fim de toda experiência. "Homem Primata, Capistalista Selvagem."

E o princípio fundamental do Evangelho? Esteéradicalmente oposto ao consumo, veja bem, como forma de vida.

Toda a perspectiva Cristã está baseada na entrega, no sacrifício em favor da satisfação do outro. Se for esse então o modelo de espiritualidade ensinado por Cristo, essa ideia social e pós-moderna de autossatisfação, é qualquer coisa menos o que Cristo ensinou, tornando o projeto de satisfação pessoal e "adoração" por produto a ser consumido, em última instância, oposição ao evangelho.

Observe a seriedade dessa reflexão no que diz respeito ao que ensinamos e estimulamos nossos jovens. A figura do pastor de juventude em muitas comunidades foi determinante para o

despertamento dos jovens a um compromisso com o Evangelho genuíno. Mas é possível observar também trabalhos nos quaisessa mesma figura do ministro de juventude sucumbiuàideia de consumo e passou a ser um prestador de serviços da comunidade para cobrir a ineficiência dos jovens no compromisso com a igreja e principalmente com o Evangelho. Os nossos ajuntamentos precisam cooperar para o despertamento das juventudes ao serviço, àverdadeira adoração. É estender mãos santas com a mesma intensidade com que se levantam as mãos santas diante do Deus O Todo Poderoso.

Então, se é esse o principio do Evangelho: viver para que o outro fique bem, seja liberto do pecado e de suas angústias existenciais, essa loucura de experiência pela experiência nos tornará especialistas, peritos em religiosidade e completamente alienados e distantes quanto ao propósito para o qualfomos chamados enquanto Servos de Deus. Servos? Exatamente.

O chamado de espiritualidade de Jesus está no serviço às pessoas. Um cristão espiritual busca dar água a quem tem sede, comida a quem tem fome, consolo e alegria aqueles que estão tristes, esperança aos suicidas, aulas aos analfabetos, empoderamento às minorias, oportunidade aos sem recursos, a mão ao cego.

Espiritual mesmo é quem se sensibiliza com a dor do outro como se tivesse essa dor em si mesmo. Que consola a alma do abatido e compartilha o amor de Deus através de Jesus, Seu filho na cruz. Esse é o modelo de espiritualidade e vida que Jesus revelou para nós através do Seu ministério enquanto homem-Deus. Inevitável chegar nesse ponto e fazer a seguinte pergunta: porque nos distanciamos tanto do verdadeiro

Evangelho e nos impomos uma cultura vazia e egoísta como essa do gospel apodrecido?

Esse mal tomou conta da igreja evangélica brasileira e, principalmente, de nossos jovens e juventudes. Porque cedemos tanto e nos permitimos tornarmo-nos expectadores e clientes de um produto tão fútil quanto o que temos consumido embalado com o nome de Evangelho, avivamento e espiritualidade? Está na hora de superarmos esse modelo e vivermos um avivamento verdadeiro nas bases de nossas juventudes, levando vida e transformação às comunidadesonde as Igrejas estão inseridas.

Influências que corrompem nossa espiritualidade: uma denúncia!

Avaliar processos é fundamental quando se deseja perceber a realidade, constatar evoluções, desenvolvimentos, ou mesmo entender fluxos e direcionamentos de projetos nos quais se envolve, voluntária ouinvoluntariamente.

E digo assim, pois existem processos aos quais somos inseridos no ato de nosso nascimento: (1) a cultura, que tem como função social nos dizer quem somos, o que vestimos, ouvimos, do que rimos ou porque choramos e quealém disso, ainda nos agregará capacidade lúdica e abstrata necessária para desenvolvermo-nos como seres sociais, e que posteriormente juntamente com outros elementos existenciais iremos elaborar e reproduzir; (2) todos os valores morais utilizados em nossa formação, que provavelmente vão influenciar diretamente no tipo de olhar que teremos do outro e de nós mesmos, bem

como os modelos que ao longo de toda uma existência vamos admitir como aceitáveis ou não; (3) o*status quo,* que é herança de família, seja nobre, burguesa ou pobre, e é um processo que vai tocar em todos os outros processos sociorrelacionais que experimentaremos, como também vai tentar nos dizer, através da sociedade, o que devemos esperar ou não de nossa aventura humana.

Nenhum desses processos que registramos até aqui foram discutidos ou conosco contratados antes de nos entendermos como indivíduos. Quando percebemos, já fazíamos parte dessa história, sendo intelectual, emocional e socialmente formados por ela. São, por isso, movimentos sociais alheios à nossa própria vontade.

Ainda assim, o indivíduo dotado de razão e capacidade de escolha deverá repensar e avaliar esses modelos de ser como os que quer praticar, ou utilizá-los como ponto de partida para a construção de novas referências e formas de culturas e espiritualidae, de um código moral próprio, de uma fé própria, e então reposicionar-se na sociedade com um novo *status quo.*

Há processos que deliberadamente nos envolvemos e os desenvolvemos: aescolha da profissão e o tipo de trabalho que desejamos executar, que tipo de princípios éticos e morais vão conduzir essa atividade; ocasamento e a forma de família desejada, que ambiente deverá ser melhor para o crescimento saudável dos filhos e para a convivência dos membros pertencentes ao núcleo familiar; o tipo de religião que irá orientar a expressão de fé pessoal também será em algum momento uma escolha feita pelo indivíduo.

Descobrimos então que, se inicialmente a aventura humana se constrói com base em códigos pré-estabelecidos, e aqui ainda não discutimos mérito ou valor, nota-se que durante o conhecimento e reconhecimento da vida nos é permitido, ou melhor, nos é exigido, que a partir desses códigos iniciais tenhamos uma tomada de decisões e escolhas, no sentido de optarmos pelo rompimento ou manutenção daquilo que nos foi proposto.

Em algum o momento o individuo terá de apropriar-se do legado recebido, elaborar em si mesmo aquilo que aceita, romper com os desmandos e imposições sociais que não admite e, conflituosamente ou não, entender a realidade com seu próprio olhar. Ou seja, desenvolver uma cosmovisão que lhe permita perceber-se no mundo e perceber o mundo através de si mesmo.

Vale considerar que toda ação individual ou coletiva, por mais independente que seja, será limitada por alguém ou alguma instituição. Mesmo assim devemos respeitar o distanciamento e equilíbrio necessários para não incorrermos em julgamentos morais, ou simples crises motivadas por frustrações existenciais.

Toda nossa formação cristã, pessoal e histórica naturalmente vai influenciar todo o nosso modo de vida e de relacionamento com Deus e com nossa fé. Não tem jeito. E isso é muito saudável porque sabemos de onde estamos vindo, e a razão de olharmos nossa fé ànossa maneira. Mas o Evangelho de Jesus tem um chamamento particular para todos nós, que está acima dessas nossas experiências sócio-existenciais.

É preciso olhar para dentro do homem, rico, pobre, culto ou sem formação, com a intenção de enxergar-lo como ele é: necessitado de Jesus, Salvador e Senhor de todos.

O status altera suas relações com o outro, com a família, com ele mesmo, com sua fé e religião, relações de consumo, sentimento de marginalidade, exclusão social, e entãofica mais simples entender essas variações no compartilhamento e nas ministrações a cada pessoa.

Fato que o amor de Deus está para além da cultura e muito além das convicções pessoais, mas o pastoreio é para o indivíduo e portantodeve-se levar em conta a maneira como cada um experiencia a sua fé a partir da realidade.

A Igreja ainda tem uma responsabilidade cristã com os menos favorecidos, com os pobres e necessitados. É preciso ouvir esse sujeito, quase que socialmente invisível, e então definir qual é o lugar dos miseráveis, dos que estão na Zona de fome. Onde eles se encaixam? Qua função eclesiástica que eles ocupamefetivamente é a de fazer sentirmo-nos agradecidos pela zona de conforto e de "benção"?

Uma espiritualidade que se revele na vida desses irmãos é necessária, e as juventudes têm a energia, a força, a coragem e a disponibilidade para mudar a vida dessas pessoas. Para fazer missão na vida, pra gerar esperança, pra transformar e integrar os que são marginalizados. Um novo olhar que reavive e dê sentido aos jovens de nossas igrejas é urgente.

É preciso ficar claro o lugar cristão de onde partimos na construção dessa avaliação, precisamos estar situados onde se pode ouvir o grito dos excluídos, sentir o mau cheiro das

injustiças sociais e enxergar o sofrimento daqueles que são oprimidos diariamente pela crueldade consequente das disparidades econômicas e financeiras em nosso país.

E então fazemos a pergunta óbvia a nós mesmos, jovens que vivem e influenciam diariamente essa sociedade corrompida e corrupta. Tem sentido algum ficar "cheirando" bíblia, ou pagar cachês astronômicos para celebridades enquanto o nosso povo morre sem Cristo, sem Evangelho e sem esperança? É de fato esse o nosso propósito? Eu tenho convicção de que nosso papel não é esse.

O nosso chamado não se reduz aos templos, e se buscamos nesse texto uma alternativa que atraia nossos jovens às reuniões templárias, a afirmativa se dá que em nossas reuniões precisamos anunciar o chamado para as ruas, para os indivíduos. Um avivamento de mentes e corações que se sensibilizem com o outro diante da mensagem dolorosa da cruz. Mãos que se estendem na direção do próximo com o mesmo sentido que se erguem aos céus nos momentos de louvor; sorrisos que se ofereçam ao desesperado com a mesma largueza vista pelos companheiros de bancos e cadeiras; abraços fortes e seguros aos que sem segurança habitam as ruas, as casas, os prédios, os barracos e as mansões.

VOZ DO CÉU NA SUA COMUNIDADE

Certa vez eu estava pregando uma série de mensagens sobre o bom samaritano nos cultos de oração de quarta feira em uma das igrejas onde exerci o ministério pastoral. Foi como um teste:

Domingo a noite chegou o momento para a mensagem bíblica, comecei a ler o texto, quando olhei para a porta da Igreja e lá na rua avistei um grupo com três ou quatro rapazes agredindo outro que estava sobre uma moto. Eram violentos e não deixavam que ele fosse embora. Imediatamente me veio à lembrança toda a série de mensagens que havia preparado para ensinar a igreja sobre o papel do bom samaritano de fazer justiça e serviço ao ferido, lesado e machucado na cidade.

Pedi que a Igreja permanecesse em oração. Convidei um diácono para ir comigo ao encontro daquela confusão. Como já era pastor algum tempo ali, e morava no mesmo bairro da Igreja, a turma me conhecia.

Eu disse sem tremer a voz: já chega, rapazes! Eles me olharam e tentaram justificar o que faziam. "Ele mexeu com a namorada de um de nós, pastor! ". Dessa proximidade eu já via com detalhes o estrago feito pelas barras de ferro com que batiam no motoqueiro. "*Vamos lá*! ", eu disse novamente, "Já chega! ".

Pegamos arriscadamente aquele moço machucado e levamos para a porta da igreja. Liguei para a polícia e para o socorro

médico. Antes que eles chegassem, dois outros rapazes vieram com a intenção de tirar a vida de Alexandre, que sangrava muito, muito mesmo. Mostraram a arma e disseram: vamos acabar com ele.

Rapidamente num ímpeto, eu disse: aqui é a igreja, a casa do Senhor. Vocês não vão fazer isso mesmo. Eu sou o pastor, respeitem isso (*não aconselho que você faça isso*).

Eles responderam assim: então vamos levar a moto. Eu mesmo entreguei as chaves e avisei sobre a polícia e o socorro a caminho. Foi à forma de preservar a vida de Alexandre.

O socorro médico chegou e o levaram para o hospital. Não tive oportunidade de visitar aquele rapaz e o tempo passou. Esqueci-me dele.

Algum tempo depois estava fazendo um plano telefônico e ao me identificar como pastor, o vendedor me lembrou de Alexandre, confirmou se era eu mesmo quem o tinha ajudado, e ligou para sua mãe que emocionada me disse que depois de passar muito tempo no CTI ele estava recuperado e mais, reconciliou-se com Jesus.

A história não acaba aí. Uma manhã saindo da Igreja com Vivian, minha esposa, recebemos um telefonema. O rapaz do outro lado cumprimentou-me assim: A paz do Senhor, meu pastor. Identificou-se e contou a história de Alexandre.

Ele disse: estou lhe procurando tem muito tempo. Eu não cometi aquele crime porque você falou em nome de Jesus.

Tantas histórias que deveriam dar errado como a minha e a sua que são transformadas e modificadas porque alguém levantou a sua *voz do céu* na cidade.

Espero que na instrumentalidade do Espírito Santo você também experimente juntamente com as suas juventudes um tempo novo de muito trabalho, seguido por uma espiritualidade para edificação pessoal, mas, sobretudo, relevante ao outro.

A igreja local precisa de gente afim do ministério para juventudes. Não se esqueça, o ministério para juventudes deve convergir para o fortalecimento da ação da igreja local. Não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta do Reino de Deus.

Esse tipo de liderança está posta para você. O importante é deixar-se ser usado por Deus na vida de outras pessoas e aperfeiçoar com treinamento e dedicação aquilo para o que Deus lhe vocacionou.

Tenha certeza de que os resultados virão, tanto os numéricos, como principalmente o de transformação de pessoas, para que através dissoo nome do Senhor seja glorificado e o Reino de Jesus e seus valores sejam instalados nessa sociedade corrompida.

Fique bem e viva com intensidade o ministério pastoral com jovens e adolescentes na medida dos desafios que lhe são apresentados. Não hesite, nem se atemorize; não se intimide com erros na prática, nem se permita esconder pelas pressões naturais de um ministério com tantas demandas como esse.

Siga firme e em frente.

Se é esse o seu chamado, coloque-se disponível para transformação dessa geração. É esse o grande desafio da igreja dos nossos dias, levantar líderes que influenciem e (re) conectem as juventudes com a igreja através da restauração do sentido do Evangelho na vida deles. É um grande desafio, mas, tenha certeza, é possível.

Bibliografia

Referências Bibliográficas:

Revista Bras. Educação n° 18 RJ

Uma Igreja com propósito – Warren, Rick (1995)

www.Puc-riodigital.com

Pedagogia do oprimido – Freire, Paulo. 17ª Ed. Paz na Terra, 1987

Pais e filhos, Legião Urbana

Bíblia Sagrada, NVI (Nova Versão Internacional)